

Filipe La Féria- quarenta e sete anos dedicados ao teatro

## “Devíamos ter duas vidas uma para ensaiar e outra para viver”

Em 1963 iniciou a sua actividade teatral como actor, no Teatro Nacional, com Amélia Rey Colaço, tendo ainda pertencido às companhias do Teatro Estúdio de Lisboa, Teatro Experimental de Cascais, Casa da Comédia e Teatro da Cornucópia. Estudou encenação em Londres, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Continua imparável em prol dos espectáculos de alta qualidade que estão em cena no Politeama e no Casino Estoril. “Um Violino no Telhado” no Politeama e “Fado - História de um povo” continuam a esgotar as salas e a trazer grupos de espectadores de Norte a Sul. Os portugueses residentes no estrangeiro não são esquecidos por este “patriota” que gostaria de levar mais espectáculos às Comunidades Portuguesas....

ANTÓNIO FREITAS

**MP- Quarenta e sete anos dedicado ao teatro. Não é verdade. Fale-nos do percurso de uma vida!**

FLF- Estreei-me aos dezasseis anos. É muito caminho andado

**MP- Com tantos sucessos, claro que não está arrependido?**

FLF- De algumas coisas estou mas no global valeu a pena. Eu acho que devia haver sempre duas vidas - uma para ensaiar e outra para viver. O meu percurso, e não digo carreira, porque carreira lembra-me os autocarros, é a viagem da minha vida, deu-me muitos sucessos, muitas alegrias, mas também grandes preocupações e angústias, num país, onde é muito difícil fazer teatro ou escrever, ou pintar, ou qualquer coisa relacionado com a cultura. Ainda por cima eu sou um “guerrilheiro” que faço teatro sem subsídios, sem ajuda do Estado. Não há ajuda nenhuma.

**MP- Corre o risco!**

FLF- Não é um risco é um super-risco, uma loucura. O Estado tira muito dinheiro nos impostos e nem o público se apercebe do imposto que está no custo do bilhete. Nem sei se isto um dia não acaba. A cultura em Portugal vejo-a muito pessimista, num país onde se pagam impostos altíssimos. Em Portugal toda a gente vive à custa desse “monstro” que é o Estado, eu nunca vivi, os subsídios são sempre dados às mesmas pessoas, há trinta e muitos anos, desde o 25 de Abril. É um sistema muito viciado e é preciso esta coragem e dose de loucura para continuar. Há dias de

grandes cansaços.

**MP- Mas neste país onde aposta fortemente no teatro e leva à cena grandes peças, esse mesmo Estado, os nossos governantes, reconhecem o papel de Filipe La Féria e foi agraciado com a ordem de comendador por dois presidentes de república diferentes**

FLF- Sim é verdade e o público reconhece e enche todos os dias as salas, quer aqui no Politeama com a peça “Um Violino no Telhado” que esgota quer no Casino Estoril “Fado - História de um Povo” mesmo com esta crise imensa. Mesmo o “Sítio do Pica Pau Amarelo” para as crianças em cena no Politeama.

O fado, no Casino Estoril está em cena há oito meses, com lotações esgotadas. Mas se me perguntar se estou cansado, sim, estou muito cansado. O espectáculo que está no Casino Estoril é por minha conta própria e risco, assim como as peças que tive em cena no Teatro Rivoli no Porto.

**MP- Com três peças em cena, são muitos actores, músicos, enfim, muitos empregos que esta “indústria cultural” ocupa.**

FLF- Sim é verdade são muitas famílias e o pior é que a crise bateu à porta de todos e com muita força e quando estamos perante bens que não são de primeira necessidade, como é o caso do teatro. São cerca de duzentas pessoas e cada vez se torna mais difícil. O povo português não é como o povo inglês. O povo português vive num clima de pessimismo. Basta o abrir dos te-

lejnais portugueses, para nos apeteecer atirarmo-nos ao Tejo

**MP- No entanto pelo menos aos fins de semana, muitos autocarros de Bragança ao Algarve deixam os passageiros, em grupos organizados no Estoril e nos Restauradores, sinal evidente que o povo português tem necessidade de sair dos seus meios e vir à “grande cidade” em busca daquilo que Filipe Lá Féria nos habituou - os espectáculos de alta qualidade**

FLF- É verdade e há anos a esta parte e seria impensável fazer os espectáculos que já fiz, num país tão pequeno. Estou grato a todos os que nos enchem as salas e são a razão da nosso trabalho.

**MP- Falemos dos portugueses residentes lá fora, das nossas Comunidades, que o senhor tão bem conhece e que por vezes brinda com a ida de musicais, como o Amália à diáspora**

FLF- Gostaria de levar o “Fado História de Um Povo” a Paris. Levei Amália que percorreu a França e Suíça toda e foi o maior êxito, mas eu gostava de levar este espectáculo do fado que é um cartão de visita de Portugal, mas sabe é tudo muito difícil, é lutar contra muros intransponíveis.

Eu acho que os emigrantes estão muito abandonados, quando lá vamos somos recebidos de uma forma emocionante, esgotam as salas. Gostaria muito de levar às Comunidades o Fado História de um Povo, espectáculo que até a crítica disse que o mesmo era um cartão de visita de Portugal, mas essa ida, nunca acon-



tece, é sempre o mesmo “disco partido” que não há dinheiro e reafirmo este seria o bom cartão de visita para todos os portugueses que estão lá fora que são os filhos bastardos de Portugal. O Estado deveria dar a oportunidade de nós irmos com estes espectáculos junto das Comunidades. Levei o Amália que foi um êxito. Somos como os trapezistas, andamos no arame sem rede e não podemos arriscar por conta própria risco, pois sem apoios, nestas saídas ao estrangeiro, podemos cair no palco.

**MP- Uma mensagem para aqueles fora de Portugal semanalmente nos lêem.**

FLF - A mensagem é que nos ajudem e que queiram que os artistas português vão actuar para eles. Estamos de braços abertos. Eu adorava levar o Fado História de um Povo aos locais, e países mais representativos onde estão. E quando vierem a Portugal venham a Lisboa e vejam os espectáculos que temos em cena. Temos o carinho das mensagens que todos os dias nos chegam, dos que cá vêm e nos ajudam com a sua presença nas salas e que nos dizem que os nossos espectáculos são tão bons como os que se fazem em Londres ou Nova York

### Uma carreira de sucesso

Uma carreira e um currículo vasto de que destacamos algumas passagens. Em 1999 escreve, encena e faz os cenários de “AMÁLIA” que estreia no Funchal. Esteve seis anos em cena e foi representado em Paris e outras cidades de França e Suíça, tendo ultrapassado os seis milhões de espectadores. Foi condecorado Comendador com a Grande Ordem do Infante D. Henrique por sua Excelência, o Presidente da República, Mário Soares. Foi premiado como personalidade do ano na área de Teatro, com os Globos de Ouro em 2000 e “Amália” foi considerado o melhor espectáculo do ano. Em 2006 foi condecorado por Sua Excelência, o Exmo. Sr. Presidente da República, Jorge Sampaio, com a Ordem de Grão - Cruz de Mérito da Ordem do Infante. Em Maio do mesmo ano, produziu a Gala “Campo Pequeno de novo em grande”, num espectáculo emitido em directo pela RTP para celebrar a reabertura da Praça de Touros do Campo Pequeno. Em Setembro, leva à cena a adaptação de “Sound of Music” (“Música no Coração”), de Richard Rodgers e Óscar Hammerstein II, também no Teatro Politeama, que foi galardoado com o Globo de Ouro para o melhor espectáculo do ano. É condecorado com a medalha de ouro da cidade de Lisboa. Depois da estreia de «FADO - A História de Um Povo» no Salão Preto e Prata do Casino Estoril a 9 de Julho, Filipe La Féria regressa ao Politeama com um dos mais célebres musicais de sempre, «UM VIOLINO NO TELHADO».